

Influência africana na obra de Felícia Leirner?

O avanço da industrialização

VILÉM FLUSSER

A revolução industrial, essa onda nova que avança contra as pralhas do futuro, e sobre cuja crista espumante cavalgamos precariamente há duzentos anos, ameaça quebrar-se. O ressoar dessa ressaca, outrora tomado como rufar dos tambores que batem o ritmo do progresso, é agora vivenciado como anunciando o último juízo. O fenômeno domina a nossa cena. A revolução industrial, na sua fase atual, representa um problema central para todo esforço de pensamento e ação, em suma para toda tentativa de preservar aquela forma de ser chamada "existencial humana". Procuramos compreender o fenômeno, governá-lo, e adaptá-lo a nós. Procuramos analisar suas causas, diagnosticar os seus efeitos atuais, e prognosticar os seus efeitos futuros. Em outras palavras: procuramos ambientar-nos nas modificações violentas que a revolução operou nas coisas ao nosso redor e na nossa relação com elas.

tes que simulam o homem. Na primeira fase da revolução simulam os músculos, na segunda os nervos, na terceira e atual os pensamentos humanos. Como cópia é essa simulação imperfeita, mas como eficiência supera de muito as capacidades meramente humanas. Este novo tipo de entes cerca a humanidade de maneira dinâmica: forma um círculo móvel o qual arrasta a humanidade consigo. Neste movimento arrasa progressivamente o campo da natureza, e povoa o campo da cultura com sua prole numerosa e incrivelmente fértil. Máquinas e maquininhas, aparelhos e aparelhões brotam, qual cogumelos, ao nosso redor, e o cogumelo-mestre eleva-se no horizonte. Graças a esta modificação deixaram as coisas da natureza a ameaçar-nos, e deixaram as coisas de cultura a acolher-nos. São agora as máquinas e os aparelhos que nos ameaçam e nos acolhem. São, a um tempo, a nossa natureza e a nossa cultura. Se ainda lutamos, lutamos cercados de máquinas e como eles de aparelho. E se ainda moramos, moramos dentro de má-

bílicas, embora repartidas. Não moramos.

Não morar é intolerável. Não poder recolher-se junto às suas fontes não é tolerável. É preciso fazer algo. Esta convicção propela a obra de Felícia Leirner. Criar lugares secretos, esconderijos, refúgios, moradas autênticas, é a sua meta. Opor-se à tendência progressiva ruína à caixa branca. Recriar e invocar a caixa prêta (inclusive no significado cibernético desse termo). Em suma: criar espaços sagrados. Para compreender essa obra, é preciso considerar levemente o termo "espaço" neste contexto.

Felícia Leirner é uma escultora. Esculpir é manipular espaço. É fazer com que um espaço surja à flor da pele de uma coisa. É fazer com que esse espaço cubra, qual pelica, a coisa, que recorte a coisa e a faça aparecer como coisa, e não como nada. A escultura é uma coisa posta para ser vista e posta no seu espaço. Para o escultor é pois o espaço a pele reveladora da coisa. Felícia Leirner inverte o conceito. Não

nos estão ancoradas as raízes da sua vida, do seu destino e de sua sorte. E no centro do temenos arde o fogo de Hestia, (Vesta), a eterna chama da cultura. A morada, a casa particular, para a qual o homem se retira durante a noite, está ligada a este fogo central pela lareira. A lareira faz com que a casa seja lar, isto é lugar recortado e consagrado. A lareira faz com a casa seja um lugar de cultura: morada. Felícia Leirner escava lugares de cultura.

Contemplem esses lugares. São lares. São "habítáculos", como diz José Geraldo Vieira. É possível perder-se neles, e justamente por isto é possível encontrar-se neles. Mas são "habítáculos", isto é diminutivos. São modelos em miniatura de lares. Mais que moradas, são refúgios, mais que casas são celas. É preciso curvar-se para entrar, e é preciso raspear as costas para sair. Por que este encolhimento? É possível que se trate apenas de um estágio no projeto de Felícia Leirner. É possível que ela imagine cidades inteiras compostas destes

ondas da revolução industrial, em celula mater de uma nova cultura.

Muitos são os indícios de uma nova Idade Média que se aproxima. Mas raras vezes senti o sópro dessa nova Idade mais fortemente que quando entrei para uma das celas do Felícia Leirner. Talvez também porque o último "estilo" autêntico, (no sentido de "forma de vida"), que nos foi legado pelos antepassados seja o gótico, o medieval portante. Há, talvez por esta razão, um elemento gótico na obra de Felícia Leirner, isto é um elemento de um autêntico estilo. Posso imaginar, no interior dessas celas, um laboratório alquimista, um xanxão com seus palimpsestos, ou um escolástico ensinando lógica simbólica, (perdão, silogismos). Mas é óbvio que o gótico de Felícia Leirner, (se o é), não é o gótico de Chartres, mas o gótico de Gaudí em Barcelona.

Não quero exagerar o paralelo. Um crítico talvez descobrirá na obra de Felícia Leirner uma influência africana, tão palpável no ambiente bra-

Uma das modificações a que assistimos é a crescente fusão e confusão entre natureza e cultura. Antes da revolução industrial a distinção era relativamente fácil. A natureza era o conjunto das coisas que nos ameaçavam. A cultura o conjunto das coisas que nos abrigavam. A vida dos nossos antepassados tinha dois polos: o polo diurno e o polo noturno. De dia avançava o homem contra a natureza, para domá-la. De noite recolhia-se para a cultura com as suas conquistas arrancadas à natureza. Estes eram os dois climas da existência humana: lutava e morava. Os climas eram comolementares. Podia lutar, porque tinha onde morar, e podia morar, porque tinha campo de luta.

A revolução industrial modificou tudo isto. Introduziu no mundo um novo tipo de entes: máquinas e aparelhos. São en-

culinas e cercados de aparelhos. Mas máquinas para morar serão moradas?

A morada autêntica hoje é um lugar noturno. Um lugar misterioso, mórno, materno. Originalmente é a caverna, o ventre da montanha. Na morada demora o mito da mãe, iluminado pela luz chamejante e sacra dos lares. O claro-escuro do segredo que abriga e segrega: eis a morada. As nossas calças brancas e abertas, inteiramente explícitas e comunicativas, as nossas máquinas para morar, não são moradas. Simulam moradas. Mentem, e são desmentidas pelas suas janelas. Não segregam, apartam. Não escondem segredos, revelam repartições e compartimentos. Não isolam, partilham. Não ensinam, empenham. Não são focos de soldão na comunidade íntima, mas são lugares geométricos de solidões pu-

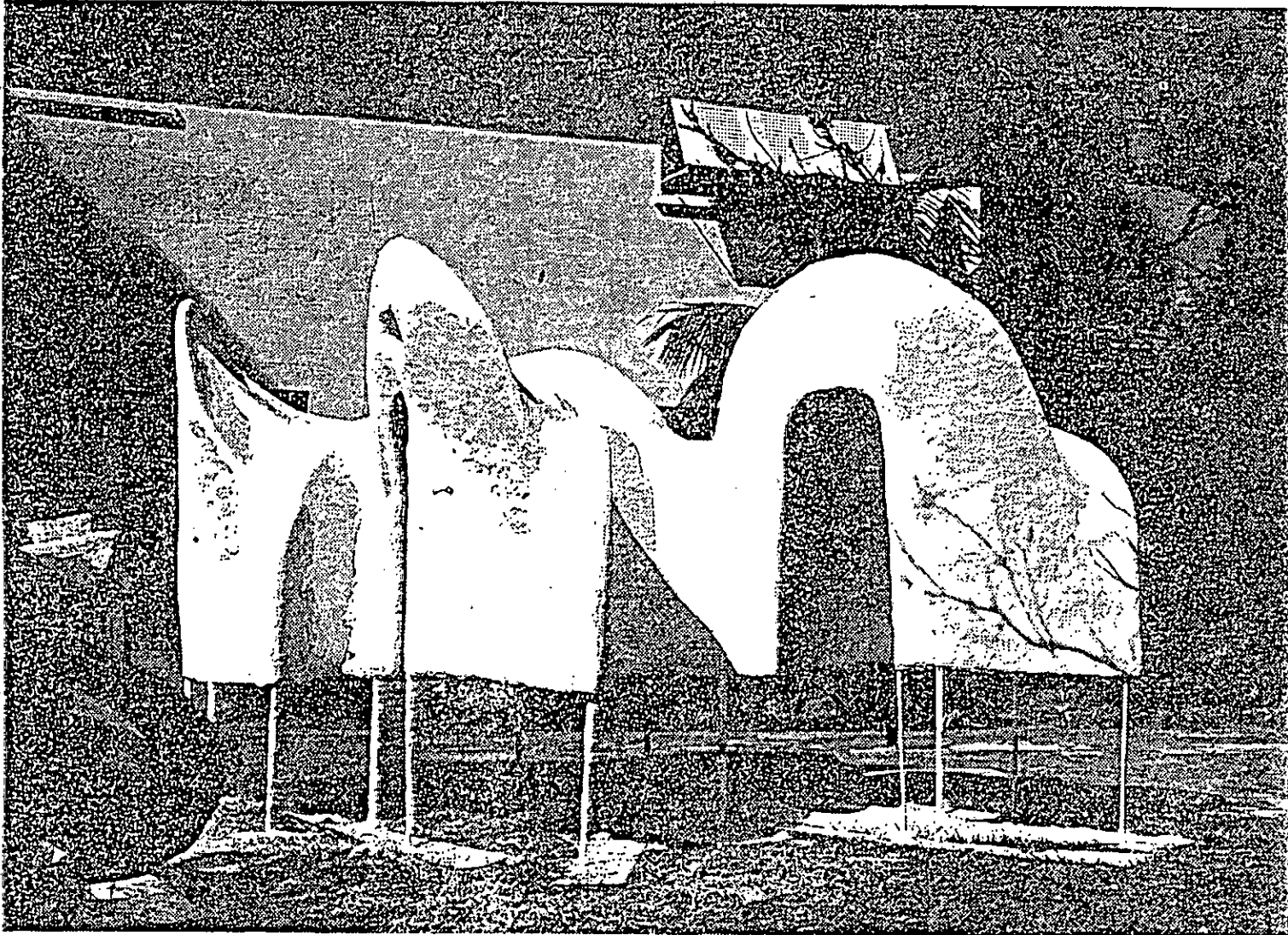
esquise, escava. Não é o espaço seco o publico da epiderme que procura, é o espaço obscuro e íntimo das entranhas. Não o espaço que revela, mas o espaço que vela. Não faz sair a coisa para dentro do espaço a fim de mostrá-la, mas abre o espaço dentro da coisa para que nele entremos e nos escondamos. Pois este espaço íntimo, esse espaço segredo e sagrado, tem um nome clássico: "temenos" é esse nome. E temenos são os espaços que Felícia Leirner cria.

"Temenos" é um espaço escavado da profundidade e consagrado aos deuses. É a caverna invisível que cerca a morada dos deuses na Grécia antiga. O seu sinónimo romano é "templum". E para esse espaço recortado que o homem se retira para reencontrar-se a si mesmo na proximidade das suas fontes. Porque no teme-

espaços, uma sociedade inteira nova que, finalmente, mora. Mas a razão profunda desse minúsculo não me parece ser esta. Pelo contrário, a razão parece ser a consciência surda que atualmente é preciso encolher-se para recolher-se. Há uma tendência monástica nessas obras, uma tendência para a cela, que caracteriza, a meu ver, todo um aspecto da atualidade. É a nossa resposta ao gigantismo das máquinas e dos aparelhos. Cultura, parecemos dizer, para ser autêntica deve ser pequena. A nossa circunstância perdeu dimensões humanas. Forças, velocidades e distâncias super-humanas medem o nosso mundo. A reação é a busca da dimensão levemente infra-humana. Confrontados com o foguete, retratamos para um habitáculo de Felícia Leirner. A nossa morada, atualmente, deve ser a cela, para que se transforme, passada a

sileiro. Com efeito os habitáculos lembram Timbuctu, e apenas Barcelona. Mas isto como deve ser, se tenho alguma razão com os argumentos apresentados. Se a obra de Felícia Leirner é uma busca de fontes interiores, dos espaços sagrados e íntimos da cultura é ela uma volta, (consciente não), para as origens da nossa cultura. No caso, da cultura brasileira.

Este é pois, a meu ver, o significado dessa obra no contexto: descobrir espaços interiores nos quais possam nos esconder dos efeitos da revolução industrial, para nos conservar os nossos valores fazer com que brotem de novo, superada a tempestade, obra de Felícia Leirner é nossa forma de morada: at go. Neste sentido planta Felícia Leirner sementes de uma nova cultura.



Um habitáculo da artista